



ESTUDANDO NUMA MONTANHA MÁGICA: RELATO DE UMA PESQUISA EM DIREITO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Eduardo Fantin Prezepiorski¹

RESUMO

Este trabalho destina-se a relatar minhas experiências ao longo da pandemia da COVID-19, em meio à elaboração de um artigo acadêmico em direito. Relato como, inicialmente, usei a pandemia como pretexto para interromper a pesquisa. Com um acontecimento tão grave quanto a pandemia, havia um motivo convincente o suficiente para me levar a interromper os estudos sem peso na consciência. Comparo o fenômeno com a história de Hans Castorp, protagonista de "A Montanha Mágica", de Thomas Mann.

1 INTRODUÇÃO

Com o início da pandemia, muitos viram seus projetos acadêmicos afetados. Comigo não foi diferente.

Estava pronto para iniciar um artigo – com projeto de pesquisa, cronograma para 2020 e tudo o mais.

No começo, a pandemia foi desculpa. Dar uma descansada nunca é demais. No meu caso, interromper a pesquisa e interromper os estudos até que a coisa toda se normalizasse.

Ao longo do período, tive contato com a história do Hans Castorp, de “A Montanha Mágica” – leitura que pode durar tempo suficiente para criar uma sensação de paralelismo com a pandemia – de Thomas Mann. No livro encontrei reflexo do que aconteceu nos primeiros meses de pandemia.

¹ Estudante do 4º ano da faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná.



2 UMA PESQUISA EM DIREITO NA MONTANHA MÁGICA

2.1 IMPACTOS DA PANDEMIA EM MINHA PESQUISA

Por aqui a pandemia começou no dia 16 de março de 2020. Foi nesse dia que a UFPR informou que não haveria aulas presenciais. No mesmo dia, decidi que seria mais prudente (mais seguro na verdade) não sair de casa e o escritório em que trabalhava achou a mesma coisa. Iniciamos o período de ensino e trabalho remotos – a duplinha algo Don Gately e Trent Kite,² EAD e *home office*.

Nos primeiros dias a ideia soava até interessante: ficar sem sair de casa por algum tempo, descansar um pouco, dar uma mudada nos ares. Como pensávamos que a coisa só iria durar uns quinze dias, num primeiro momento essa coisa de quarentena não pedia *grandes* cerimônias. Pelo menos foi assim comigo.

De início, encarei a coisa como um intervalo na vida acadêmica. As aulas da UFPR foram interrompidas e por um bom tempo não houve previsão de retorno. Planejei usar esse período de isolamento social – o qual, a essa altura, achava que duraria no máximo alguns meses – para *não fazer*. A ideia era dar uma *curta* pausa nas atividades acadêmicas que estavam em curso.

Pouco antes do dia 16, tinha terminado, com mais um colega, um projeto de pesquisa para um artigo. Nossa ideia era questionar a partir de quais critérios o Superior Tribunal de Justiça diferenciava o conceito de dano moral dos chamados “meros dissabores da vida cotidiana”. Todo mundo diz que não é possível confundir os danos morais, que dão àquele que os sofreu o direito de ser indenizado, com alguns dissabores, aborrecimentos, perturbações e transtornos que, por desagradáveis que sejam, fazem parte da vida em sociedade: não é qualquer desagrado que justifica uma indenização por dano moral.³

² WALLACE, David Foster. **Graça Infinita**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. *passim*.

³ Cf. TARTUCE, Flávio. **Direito Civil: Direito das Obrigações e Responsabilidade Civil**. Rio de Janeiro: Forense, 2019. p. 454 et seq, ou qualquer pesquisa de jurisprudência pelas palavras “dano moral”.



Num tópico do projeto de pesquisa acho que escrevemos algo como “Pois bem. Se é fato que a jurisprudência faz essa diferenciação entre estas duas figuras – entre ‘dano moral’ e ‘mero dissabor da vida cotidiana’ – resta saber como é feita esta distinção. Qual é o critério a ser avaliado para concluirmos, diante de uma hipótese de fato, se ela é ‘dano moral’ ou ‘mero dissabor’? Este é, essencialmente, o escopo do presente projeto”, ou algo do gênero.

No dia 16 de março de 2020, o projeto de pesquisa já estava terminado. A fase seguinte seria procurar algum(a) professor(a) para analisar nosso projeto e, com sorte, nos orientar dali em diante. Não é preciso dizer que, naquela época, a finalização do projeto de pesquisa (e, vai lá, essa coisa de procurar orientador, que, vai lá, não é a parte mais instigante e animadora da coisa) já fazia com que eu e meu colega nos sentíssemos como merecedores de um descanso. E também é quase óbvio que, vinda a pandemia, o que dissemos um ao outro e a nós mesmos foi, num tom bem formal para nenhum dos destinatários se enganar quanto a nossos motivos, que “poderíamos adiar o prosseguimento das atividades relacionadas ao artigo para depois da pandemia”. Afinal, seriam apenas 15 dias; no máximo alguns meses.

Foi assim que, com a pandemia, meus estudos infelizmente acabaram sendo abruptamente interrompidos – sempre contra a minha vontade, por uma fatalidade de proporções globais, direi a quem perguntar. Nas semanas seguintes, a pandemia não foi lá muito sofrida. Durante o horário de estágio, conseguia render como normalmente. E fora desse horário, até que dava para fazer o que dava vontade.

Mas o tempo passava e a pandemia não. Os dias já não passavam mais tão devagar como costuma acontecer nos primeiros dias de uma viagem ou nos primeiros dias em algum lugar novo, mas voavam como nos períodos subsequentes. O isolamento social começou a se parecer com um vício, como se eu houvesse aprendido a gostar de ficar sozinho e a não falar com ninguém – e não apenas porque não podia sair de casa, mas porque não estava muito a fim mesmo; não apenas porque o contato físico estava proibido, mas porque não queria mais contato, nem físico, nem virtual, nem nenhum. Meio tipo um Harry Haller ou coisa que o valha, havia “descoberto a solidão” – e talvez o gosto por ela tenha sido mais um apego à coerência do que verdadeiro gosto, o que torna tudo um pouco mais só-para-os-loucos-só-para-os-raros.



E um pouquinho mais, ainda, virei meio noctívago⁴. Com a flexibilidade dos horários, porque não trocar a noite pelo dia. É possível produzir muito quando se acorda às seis horas da manhã e se vai para a cama às dez da noite. O mesmo se consegue produzir quando se acorda às onze da manhã e se vai dormir às seis da manhã seguinte.

Junto disso veio o tédio. Com o tempo, esse intervalo na vida deixou de ser uma pausa agradável e passou a ser uma monotonia incômoda. Mais ou menos em julho de 2020 passei a não gostar da forma como estava levando a pandemia. De fato, a estava usando como férias. Nessa época acabei confessando a mim mesmo que não estava apenas aguardando até a pandemia acabar para seguir com as coisas, apenas dando uma pausa saudável nas atividades. Estava valendo-me do pretexto que é a pandemia e da possibilidade de a qualquer crítica (usualmente de mim para mim), responder com algo meio caso-fortuito-ou-de-força-maior, me baseando na ciência e na sabença geral.

Falando de forma mais clara. Se sabia que a pandemia era boa e séria justificativa para a inércia de algumas pessoas durante esse período, sabia também que para mim não passava de um pretexto. E foi mais ou menos nesse período que dei seguimento à pesquisa. Encontrei uma professora que me orientasse e continuei.

2.2 ISOLAMENTO SOCIAL: DO BERGHOF PRO MUNDO

Ao longo desse ano e meio pandêmico um dos (coisa de modestos quinze) livros que li foi “A montanha mágica” de Thomas Mann. A obra trata da história de Hans Castorp, um engenheiro recém-formado que vai visitar seu primo, Joachim Ziemssen, num sanatório para tuberculosos. Este sanatório (o Berghof) fica no alto de uma montanha em Davos, na Suíça.

Inicialmente, Hans Castorp vai decidido a não mais do que visitar seu primo: no primeiro capítulo, não ficará mais do que três semanas.⁵ No final (e lá vai um spoiler de um livro bom o suficiente pra que o leitor em prospecção possa não se preocupar com spoilers), o

⁴ HESSE, Hermann. **O Lobo da Estepe**. Rio de Janeiro: Record, 2020. p. 58-60.

⁵ MANN, Thomas. **A montanha mágica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 13-20.



jovem engenheiro havia passado sete anos no sanatório quando tem de retornar à planície para se juntar às fileiras dos combatentes da Primeira Guerra Mundial.

Segundo a descrição inicial do narrador a respeito de Castorp, ele é um jovem engenheiro que nunca teve lá muito gosto pelo trabalho duro. Certamente o respeitava. Mas entre o estudo e o trabalho exaustivos e um bom charuto acompanhado duma tarde confortável e de sossego, certamente preferiria a segunda opção. Escolheu estudar engenharia não exatamente por gosto. Simplesmente os acontecimentos foram se encadeando de tal modo que, no início da idade adulta, estava se formando engenheiro.⁶

Ao longo mais ou menos da primeira metade do livro (umas 420 páginas) há a sensação de que Hans Castorp está ali em uma situação desagradável, porém numa situação desagradável que a ele não incomoda tanto assim – ao contrário, que parece vir bem em tempo. Ele iria iniciar o trabalho numa firma fabricante de estaleiros e caldeiras. No primeiro dia no sanatório faz questão de dizer a todos que está saudável, que apenas ficará ali por três semanas. Um dos médicos do sanatório o surpreende dizendo que até aquela data não havia conhecido ninguém saudável – passagem que eu não acho lá tão cheia de significado, mas que é meio semifamosa. Castorp segue a recomendação desse sujeito de, no período em que ficasse ali em cima, que se submetesse ao mesmo tratamento de seu primo – já que o médico não ignorou a aparência anêmica do jovem engenheiro. Porém, depois dos três dias, diante da sugestão médica de que Castorp permanecesse ali por mais tempo, o ele se convence: talvez o melhor a fazer fosse efetivamente ficar ali por um pouco mais de tempo – por sua saúde, obviamente.

E Hans Castorp de fato ainda estava doente – o que é passado ao leitor com grande elegância, através da notícia de que o charuto que o jovem fuma não está com o gosto com que ele está acostumado. No entanto, transparece o conforto com que ele recebe a prorrogação do fim de sua estadia no Berghof. E lá pelas tantas o charuto volta a ter seu sabor de sempre – mas Castorp segue no sanatório por um bom tempo. E também há o episódio em que o próprio médico do sanatório Berghof diz a Castorp que ele está liberado, lhe dá alta. Mesmo assim, Castorp se convence de que aquilo foi apenas um acesso de raiva ou uma avaliação descuidada.⁷

⁶ MANN, Thomas. **A montanha mágica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 40-50.

⁷ Ibidem. passim.



Falando de forma mais clara. Em alguma medida parece-me que o que se passou com Hans Castorp no sanatório Berghof foi também o que aconteceu com o meu lado sério e preocupado com a formação etc. na pandemia. De certa forma a pandemia trouxe algum “conforto”. Havia um adiamento justificável, um bom motivo (um motivo que convenceria quem quer que questionasse e, mais importante, convenceria a mim mesmo) para *parar de fazer*, para *suspender* até que a pandemia terminasse.

É bastante provável que o livro seja muito mais profundo e diz muito mais do que isso e é evidente que tem muita gente que “suspendeu” por motivos pandêmicos com intenções diametralmente opostas às minhas, inclusive em termos de respeitabilidade dessas intenções, mas isso é o que tenho para relatar.

3 DISCUSSÃO DA EXPERIÊNCIA

A contribuição que a pandemia teve em minha pesquisa foi, em um primeiro momento, servir como desculpa para sua interrupção. Com uma desculpa dessas, poderia, por motivos razoáveis, interromper meus estudos por um tempo delimitado e controlado. Com isso veio, também, uma série de desleixos em minha maneira de viver.

E posteriormente, em resposta a tudo isso, veio a indignação com essa interrupção geral e com esse desleixo. Dessa indignação (aliada ao tédio geral) é que veio (me parece) a força inicial para o prosseguimento de meus estudos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo, devo dizer que toda essa reflexão não é mais do que autorreflexão. Serve apenas para relatar a forma como lidei com a pandemia em meus estudos. Mas concluo que, em um primeiro momento, a pandemia me serviu de muleta: de verdadeira desculpa para interromper os estudos e descansar, até que as coisas voltassem ao normal. Num momento



posterior, as coisas acabaram se resolvendo e o artigo foi concluído – sobretudo em resposta ao desleixo e à inércia desse primeiro momento.

REFERÊNCIAS

HESSE, Hermann. **O Lobo da Estepe**. Rio de Janeiro: Record, 2020.

MANN, Thomas. **A montanha mágica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

TARTUCE, Flávio. **Direito Civil: Direito das Obrigações e Responsabilidade Civil**. Rio de Janeiro: Forense, 2019.

WALLACE, David Foster. **Graça Infinita**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.